

Vícios e Virtudes do Anti-Americanismo

Álvaro de Vasconcelos

No anti-americanismo que apesar do 11 de Setembro se tem manifestado, misturam-se a oposição a determinadas políticas do governo americano, dolorosas experiências históricas, e a reafirmação de correntes ideológicas antidemocráticas, nacionalistas de direita e de esquerda...

George Kenan, o célebre diplomata americano que foi encarregado de negócios em Lisboa durante a Segunda Guerra, relatando a Roosevelt uma conversa com Salazar, afirmava que este nos teme a nós um pouco menos que aos soviéticos. A direita tradicional portuguesa era e é anti-americana, vendo nos Estados Unidos uma grande democracia cosmopolita e uma potência anticolonial.

A esquerda tradicional também é anti-americana. Uns são anti-americanos porque os Estados Unidos são uma democracia liberal e o maior dos países capitalistas; outros porque vivem da memória do alinhamento com o bloco soviético, outros ainda porque recordam as causas que defenderam na juventude – África do Sul, Chile, Vietname – e que os levaram a aproximar-se da esquerda totalitária que, por oposição visceral aos Estados Unidos, também as defendia. O nacionalismo passou aliás a ser bandeira dos partidos comunistas que não se democratizaram. Como os conservadores de direita e de esquerda portugueses, há muitos por esse mundo que são anti-americanos por más razões. Esse anti-americanismo primário, ideológico, manifesta-se na oposição a toda e qualquer política americana e agudiza-se em alturas de crise, como se viu na Bósnia ou no Kosovo.

Mas há também quem seja anti-americano e se refira a boas razões. É o caso de muitos chilenos que não esquecem o apoio a Pinochet, ou dos que em relação à Palestina não vêem nos Estados Unidos a potência democrática que de facto são, mas o principal apoio de Israel. Em vários países do mundo os Estados Unidos foram ou são confundidos com regimes despóticos, como a Arábia Saudita, que apoiam por considerações de natureza estratégica.

O anti-americanismo na Europa reflecte o peso de experiências políticas mais ou menos recentes. Na maioria dos países libertados pelos americanos nas duas guerras, essa memória é razão bastante para que só os sectores nacionalistas sejam ideologicamente anti-americanos. O mesmo não se pode dizer da Grécia, onde o anti-americanismo tem raízes no apoio que os Estados Unidos deram ao regime dos Coronéis. Em Portugal, a forte corrente anti-americana que se manifestou em 1974-75 ficou isolada pelo apoio que os Estados Unidos deram à transição democrática portuguesa. Mas que teria acontecido se tivesse triunfado a teoria de Kissinger de que Portugal era uma causa perdida e de que havia que fomentar um movimento independentista nos Açores?

Há também quem seja conotado com um certo anti-americanismo por se opor a determinadas políticas, como por exemplo a pena de morte. Esse sector ignora que a América é uma sociedade atravessada pelas mais diversas correntes e toma as posições de políticos conservadores como George W. Bush pelas de todos os americanos, esquecendo que até há um ano os Estados Unidos tinham um presidente liberal, parceiro na terceira via de muitos sociais-democratas europeus. O nacionalismo tradicional é o anti-americanismo do passado. Por paradoxal que

pareça, forma-se hoje uma nova corrente, que poderia denominar-se «nacionalismo europeu anti-americano», que considera o poder excessivo dos Estados Unidos como o maior entrave à afirmação internacional da Europa.

É um anti-americanismo que tem raízes na oposição ao unilateralismo, mais presente no actual governo de George W. Bush, e se alimenta da percepção de que existe um afastamento crescente entre as elites da União Europeia, em que se deslegitima a política de potência e se enfatizam os valores fundamentais, e as elites de um americanas, que privilegiam de novo a política do poder. Este alheamento pode aprofundar-se, apesar do movimento actual de solidariedade com os americanos.

Muito dependerá do lugar que a defesa dos direitos do homem tiver na condução da luta anti-terrorista. Permitir, sem contestação, que alguns dos aliados de hoje participem na coligação para melhor combaterem as suas oposições internas equivale a criar amanhã novas vagas de anti-americanismo em vários países.